

*Apresentação dos
Textos dos Professores
Humberto Baquero Moreno e
Maria Helena da Cruz Coelho*

*Vânia Leite Fróes**

Os dois textos que se seguem foram apresentados ao Grupo de Estudos Medievais da UFF em eventos científicos realizados em 1996 e 1997. Publicados agora na revista *Tempo* constituem, em conjunto, uma contribuição de dois grandes medievalistas sobre a sociedade portuguesa do quatrocentos.

Parece-nos que estão ambos preocupados com a questão da trifuncionalidade como padrão de representação da sociedade feudal. O tema, já visitado por muitos dos grandes medievalistas franceses, entre eles Georges Duby, é pertinente, particularmente quando esse modelo é examinado fora da França. As especificidades ibéricas, embora integrando-se ao padrão europeu das três ordens, apresentam variações expressivas ao longo de todo o século XV, quer no plano idealizado das representações, quer na rigidez legislativa das *Ordenações Afonsinas* fartamente referenciadas pelos dois autores.

Tema abrangente pela sua natureza, diz-nos o professor Baquero Moreno, as categorias da sociedade medieval portuguesa como um todo, a par de uma aparente unidade, apresentavam fraturas e antinomias. É

* Professora Titular de História Medieval da Universidade Federal Fluminense

Tempo, Rio de Janeiro, nº 5, 1998, p. 105-106

no interior dessas categorias que o grande historiador português aponta as modulações ao modelo padrão de trifuncionalidade. Destaca-se nesse seu trabalho não somente a análise dos estratos e hierarquias da nobreza como também a referência à categoria de trabalhadores indiferenciados que Fernão Lopes chamou de arraia miúda. Dentre estes estão não só os mesterais, como os transportadores de cargas, os pequenos vendedores ambulantes, os trapeiros, os varredores, os esterqueiros, as lavadeiras, as vendedoras de pescado, além dos vagabundos que no dizer do autor são um fenômeno expressivo no século XV. Ao contrário do XIV, em que o fenômeno é de cunho individual e pouco organizado, a vagabundagem associa-se, no quatrocentos, em grupos. Não raro, organiza-se, sendo mesmo objeto de obras de assistência.

A professora Maria Helena Cruz Coelho enfatiza as clivagens e os mecanismos de equilíbrio, fenômenos que desmentem a idéia de uma sociedade fechada e estanque. Ainda que no plano ideológico pudesse reinar um modelo trinitário e trifuncional de estraficação social por ordens ou estratos, essa sociedade é aberta a etnias, a estrangeiros e depois a escravos africanos. A característica maior da sociedade do quatrocentos é a mobilidade vertical e horizontal além de uma intensa capilaridade social que a dinâmica política, com o desenvolvimento comercial e a própria abrangência da burocracia exigiram e mesmo acarretaram. Destaca-se nesse estudo o tratamento das imbricações sociais e dos mecanismos de equilíbrios e acomodações no interior da estrutura social. Exemplos disso são, por um lado, a aproximação de mercados e nobreza ao mesmo tempo em que se distanciam dos mesterais, por outro, a visão de uma cleresia mais aberta que muitas vezes se aproxima do povo. A brilhante pesquisadora analisa o papel preponderante da ação governativa nesses mecanismos de confrontos e equilíbrios – é a concertação social, o diálogo que os monarcas encetaram diretamente com os diversos braços da sociedade nas Cortes. Ao mesmo tempo exibiam nas festas religiosas e políticas o novo conjunto social com suas funções específicas, suas hierarquias, suas dignidades e dependências.

O leitor irá certamente aproveitar-se da coerência dos estudos apresentados e de sua fundamentação que se engaja numa discussão maior dos medievalistas. Mas sobretudo irá deliciar-se com o belo texto destes dois historiadores.